Educomunicação como ensino de Arte Visuais.[1]

Marília Silva Martins Gidrão[*]
Alice Fátima Martins[**]
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Resumo
Apresenta uma pesquisa sobre a Educomunicação em relação ao ensino de artes visuais, e as influências dos avanços tecnológicos nos processos de aprendizagem. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma produção audiovisual, com vídeo-aulas e com a contextualização da cultura e da pedagogia, no que diz respeito aos processos de comunicação visual. A metodologia adotada é a pesquisa qualitativa com abordagem de tipo etnográfico. Os resultados apontam para o fato de que a educomunicação mostra-se como caminho relevante para o entendimento da mediação na educação com a cultura e o currículo, na formação do cidadão contemporâneo. Essa temática de estudo tem sido tratada no âmbito do ensino de artes, levando em conta as relações entre as mídias disponíveis e a subjetividade de cada sujeito. A interação intensa com as mídias digitais e televisivas, bem como com as instituições culturais, exerce influência significativa na formação dos educandos, imersos no processo de globalização, em dinâmicas complexas que ameaçam e ao mesmo tempo reforça as culturas identitárias, na construção de conhecimento e nos posicionamentos socioculturais.

Palavras-chave: educomunicação; cultura; ensino de artes visuais.

Introdução

O ensino de artes, nestas últimas décadas, tem passado por várias mudanças no que diz respeito aos currículos abordados para a educação em sala de aula. Em vista dos processos tecnológicos e a realidade consumista do capitalismo, é possível afirmar que, para esse ensino estar atualizado com as demandas contemporâneas, se faz necessário pensar em novas abordagens metodológicas.

---

[1] Trabalho apresentado no GT 2- Caiu na rede, ainda é cinema? Do 4° CAPPA realizado nos dias 15 e 16 de maio de 2017.

[*] Estudante do curso de graduação, Artes Visuais/Licenciatura, na Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG). Bolsista de PROLICEN (UFG).
[**] Professora da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), orientadora de PROLICEN, pesquisadora pela FAPEG, e Bolsista de Produtividade PQ2, pelo CNPq.

Desde os anos 1990, parte significativa das abordagens propostas, principalmente no âmbito do ensino de artes visuais, tem referência nas ideias de Ana Mae Barbosa (2001). Nessa pesquisa, os fundamentos do ensino de artes visuais articulam-se a estratégias da Educomunicação, conceituada inicialmente por Mariazinha Fusari (PENTEADO, 2001). Mais recentemente, outras abordagens têm sido apontadas, ampliando a natureza das visualidades circunscritas ao ensino, e discutindo como os novos aspectos visuais e tecnológicos podem modificar a compreensão dos conteúdos apresentados, assim levando a uma nova formulação temporal no que diz respeito a metodologias aplicadas para o ensino (MARTINS & TOURINHO, 2015; MARTINS & TOURINHO, 2014; MARTINS, TOURINHO& MARTINS A. F., 2013; MARTINS, A. F., 2014).

Embora as ideias de Martins e Tourinho exerçam importante papel nas discussões aqui propostas, sobretudo, para contextualizar as práticas metodológicas, ressalto a relevância dos estudos de Mariazinha Fusari, nos anos 80 e 90, uma das pesquisadores referenciais no que diz respeito às metodologias que enfatizam a interlocução dos recursos dos meios de comunicação no contexto educativo. Para este trabalho, essa interlocução se dá por meios dos processos tecnológicos.Com essas questões em vista, neste artigo, abordo a vídeo-aula como estratégia possível para o ensino de artes visuais. A proposta de realização de aulas por meio de vídeos dirigidos a crianças está vinculada diretamente a novas metodologias que, embora ainda inspiradas pela abordagem triangular (BARBOSA, 2001, p. 2), incorpora elementos midiáticos, das tecnologias de informação e comunicação. Em seu desenvolvimento, envolve temas e formas de aplicação de técnicas das práticas artísticas, buscando levar o aluno ou telespectador a avaliar técnicas apresentadas, e também a contextualizar culturalmente as abordagens sobre os locais visitados e as formas como a Arte se manifesta nestes locais, diante de costumes e materiais que são vistos como matérias primas de cada região, e seus modos de uso. Nesse sentido, busco perceber como se dão as relações entre as referências locais da cultura com a cultura nacional, e mesmo a globalizada, conforme propõe Stuart Hall (2004).

Percebendo a necessidade de a educação na sociedade contemporânea estar sempre atualizada com as questões da arte e da cultura, observei o processo de popularização do acesso à informação, via internet nas redes sociais, sobretudo por parte das gerações mais jovens. Nesse contexto, o vídeo-aula é um meio dinâmico de acesso à informação, tendo como veículo a internet e suas mídias digitais, as conexões com as redes sociais hoje em dia. O vídeo-aula é uma das maneiras de dar acesso à informação por meio de mídias, e

nos dias atuais é uma forma amplamente utilizada por instituições de ensino de diversas naturezas, e pelos meios de comunicação em geral. Durante o desenvolvimento do projeto, encontrei dificuldades entre identificar os referenciais identitários que integrariam o material audiovisual, do ponto de vista da cultura, tendo em vista o público alvo que, neste caso, são crianças entre oito e dez anos de idade. Tinha em vista, também, o necessário cuidado na relação de duração de tempo do vídeo aula, já que este público precisa de um tempo menor para manter a atenção. Ou seja, as dinâmicas de um vídeo-aula devem considerar que, além da incorporação dos recursos tecnológicos, é preciso também considerar os ritmos, as velocidades com que os costumes se modificam. As propostas educativas precisam atentar-se a esses aspectos de acordo com Adriane Camilo Costa e Alice Fátima Martins (2012. p.190). Na sociedade midiática, somos submetidos a uma invasão de privacidade cotidiana pelos meios de comunicação e informação, que forjam identidades sociais, sugerindo insidiosamente, às pessoas, conceitos daquilo que elas anseiam e almejam a ser, identidades visuais que tendem a ser consideradas como universais, estáveis e indispensáveis

Diante desta afirmação, COSTA e MARTINS (2012) defendem a ideia de como o mundo está sendo cada dia mais envolvido por questões da mídia e da comunicação. As narrativas audiovisuais, ocupam os espaços da vida contemporânea em suas quantas atividades: entretenimento, informação, comunicação, publicidade, arte, formação, educação, etc. Desde muito cedo, as crianças relacionam-se com narrativas articuladas por meio de imagens em movimento, sonorizadas, apropriando-se tanto das informações por elas veiculadas, quanto dos modos como essas informações são apresentadas, em seus aspectos formais e técnicos, em suas dinâmicas. Contudo, as instituições escolares ainda estão longe de reconhecer o potencial pedagógico das narrativas audiovisuais, e da afinidade entre sua natureza e o modo como as gerações mais jovens relacionam-se com o seu meio.

QUESTÃO PROBLEMA:

Qual é a necessidade da Educomunicação no ensino de Artes Visuais para a prática no ensino?

Na prática, as dificuldades encontradas, foram diversas, dentre as observações feitas podemos perceber que, não importa como uma aula seja apresentada, o conteúdo desta aula tem de ser passado com domínio e segurança pelo professor. No início estava pensando que como uma aula pré-apresentada poderia ser dada com mais facilidade do que uma aula presencial, mas quando chequei na prática, percebi que tanto no vídeo aula

quanto na aula presencial o domínio do conteúdo e a sequencia do roteiro precisam ser feitos com antecedência, dando para os alunos ou espectadores uma certeza e uma segurança para aprender o conteúdo apresentado. Como um planejamento de aula, para o vídeo aula é preciso um roteiro, onde segue as falas e o conteúdo que aparece no decorrer do vídeo, e este conteúdo deve ser estudado com antecedência assim como na aula prática e presencial.

OBJETIVO.

Trabalhar o conceito de Educomunicação no ensino de Arte Visuais, com uma proposta de interpretação crítica de imagem cultural e artística, levando informações conteúdos por meio de vídeo-aulas e documentários culturais.

JUSTIFICATIVA

O documentário como pesquisa de tipo etnográfica: Estudos culturais e Educomunicação.

Os estudos culturais, definem tanto as relações da cultura quanto o currículo pedagógico como formas de aprendizado e relações de poder segundo (SILVA 2010). Diante dos fatos, que podemos analisar na contemporaneidade, exemplos de currículos ocultos apresentados por intermédio das mídias televisivas, onde encontramos sujeitos indicativos que anunciam mesmo que por acaso não intencionável, exemplos de cultura e ou de posturas aprendidas no currículo pedagógico, que são aqueles que são organizados intencionalmente para que obtenha posteriormente resultados sobre o sujeito na sociedade.

> Mesmo que implicante, essa crítica do conceito de cultura permite a Paulo Freire desenvolver uma perspectiva curricular que, antecipando à influência posterior dos Estudos Culturais apaga as fronteiras entre currículo erudita e currículo popular. Essa ampliação do que constitui cultura permite que se veja a chamada "cultura popular" como um conhecimento que legitimamente deve fazer parte do currículo (SILVA, 2010, pág. 61)

Entendendo o currículo como um meio que indica os caminhos percorridos pelo sujeito para que ele chegue ao perfil desejado, posso dizer que a cultura de certo modo está entre os elementos que dão forma e perfil ao desenvolvimento curricular pedagógico. Se a cultura tem um papel essencial para este desenvolvimento pessoal do sujeito, a mesma também exerce um papel fundamental para a educação.

METODOLOGIA

Trabalho assim no desenvolvimento de vídeos-aula, como forma de desenvolver a estratégia de pesquisa para os documentários. Seguindo um perfil de pesquisa tipo

etnográfica, que segundo Alice Fátima Martins em sua pesquisa tipo etnográfica realizada em seu mestrado, relatou bem como uma pesquisa etnográfica exigem muito mais tempo de imersão em campo, do que a pesquisa tipo etnográfica, que apenas contém características nas estratégias de coletas de dados para obter informações curriculares e culturais de cada local estudado.

> Diante do relatado, qualifico o estudo desenvolvido por mim como pesquisa qualitativa recortes da etnografia, ou seja, um estudo de tipo etnográfico, conforme define André (1995). Sobre pretensões metodológicas, convém lembrar a figura da árvore da pesquisa qualitativa proposta por Wolcott (1991) para representar a estrutura e as ramificações da pesquisa qualitativa. As técnicas básicas de coleta de dados encontram-se na base da árvore, alimentam-na, dão-lhe sustentação. Os galhos representam as tantas possibilidades metodológicas na pesquisa qualitativa entre elas, a etnografia. Aos iniciantes, recomenda-se que busquem galhos muito altos já nas primeiras incursões no universo das pesquisas, para que sejam evitadas as quedas desastrosas.
>
> A sabedoria popular, desde há muito, adverte que "mais alto o coqueiro, maior o tombo... do coco, afinal...". (MARTINS, A. F. 1997, p. 67).

A pesquisa de tipo etnográfica, a coleta de dados envolve pesquisa de campo, observação, entrevistas, análise de documento e registros históricos de cada instituição cultural. Difere da etnografia propriamente dita, pois não supõe a imersão do pesquisador no contexto onde desenvolve sua investigação.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Avançando um pouco mais, e abordando a educação como forma de comunicação, tomo a contribuição de Mariazinha Fusari para a pesquisa dos processos da Educomunicação no ensino de artes no contexto escolar:

> E era essa relação com a teoria- de leitura crítica, participante, construtiva, traduzível em práticas- e recriadora de teoria que ensinava aos seus alunos dos cursos de pós-graduação, como teve oportunidade de acompanhar/testar/experimentar pessoalmente em dois cursos que ministramos em conjunto, sobre o tema "Dimensões comunicacionais da educação em sociedade de multimídia". (PENTEADO, 2001, p. 15).

Os documentários são feitos com a pesquisa tipo etnográfica, que na prática, têm como característica principal o registro de dados institucionais, sendo eles, a data da inauguração, pesquisa do perfil da instituição cultural, seja ela museológica ou instituição de ensino, e suas práticas e exercícios de função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mídias Contemporâneas e o diálogo com a educação visual.

A realização do vídeo aula ESCOLART - VÍDEO AULA DA FLOR teve como proposta assegurar o acesso, de modo mais lúdico, a informações sobre trabalhos artísticos, lugares, técnicas, fazendo uso dos recursos da tecnologia digital, por meio da internet. Apoio-me, entre outras referências, para esse trabalho, no artigo escrito por Andréa Bertoletti (2010), no qual aborda as relações entre as tecnologias digitais e o ensino de arte. Em seu texto, a autora apresenta algumas reflexões sobre a necessidade do ensino/aprendizagem em artes, que vem se informatizando nas instituições de ensino público. E reitera o fato de que as tecnologias estão cada vez mais comuns no cotidiano da população brasileira, como parte de uma tendência global. A internet é posta como um item para mediação de pesquisa e coleta de dados. O convívio entre os projetos educativos, na escola, e a tecnologia digital requer o diálogo contínuo com a comunidade. A autora observa, ainda, que se a arte deve ser experimentada em relações de aproximação com a vida, as tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem por parte dos indivíduos, sejam os estudantes que frequentam as escolas, sejam suas famílias e demais membros da comunidade. O que inclui os professores e suas redes de relação. Por outro lado, programas veiculados nas redes de televisão e em plataformas da rede mundial de computadores anunciam conteúdos pedagógicos, com vistas a propiciar aprendizagens a crianças e jovens no campo das artes visuais. "Tradicionalmente, há lugares de memória, em que se depositam objetos, pinturas, textos. Estes, ali guardados, deveriam ser preservados do esquecimento, podendo ser retomados toda vez que o olhar de alguém vier a iluminá-los, como quando ligamos os aparelhos e seus monitores de audiovisual, tais como a televisão" (COUTINHO, 2003), aparelhos móveis, computadores, etc. Ao mesmo tempo, a observação de programas infantis tais como ArtAttack e Mister Maker. ArtAttack é um programa infantil, que lida com o ensino de arte de forma bem articulada e que produz ideias sobre criações de formas muito variadas seja elas por meio da reciclagem ou da formação da imagem com objetos. Mister Maker, é também um programa infantil, que trata do imaginário e do poder de criação das crianças, mas de forma bem lúdica, tendo em vista que o apresentador leva sempre o programa com muito mais edições de imagem.

Castelo Ra-Tim-Bum, foi uma grande inspiração para que eu me interessasse não só por Arte, mas também pelo ensino infantil, e me motivou a pensar como a tecnologia traz novos horizontes de práticas de ensino, e como é possível aprender também fora da escola, por meio de outros instrumentos de ensino tais como a internet, televisão, rádio.

Assim busco, por meios destas pesquisas, continuar a desenvolver os processos de construções e interpretações visuais, por meio de vídeo aula como objeto de estudo pelos víeis do conceito da Educomunicação. Com estas pesquisas, feitas pelos víeis da cultura e do currículo pedagógico, continuar a analisar os dados coletados por meio da pesquisa quantitativa, feita com a estratégia de pesquisa de tipo etnográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ART ATTACK. **Programa de televisão infantil Britânico**. 1990.

BARBOSA, Ana Mãe. **A imagem no ensino da Arte** – anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Editora Perspectiva. 4. Ed. 2001.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette& TOME, Takashi (orgs). **Mídias Digitais**: Convergência tecnológica e inclusão social. São Paulo: Paulinas, 2005.

BERTOLETTI; Andréa. **Tecnologias digitais e o ensino da arte**: algumas reflexões. V Ciclo de Investigações do PPGAV. Florianópolis: UDESC, 2010.

CASTELO RÁ-TIM-BUM. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_R%C3%A1-Tim-Bum Acesso em 19 abril. 2016.

COSTA, Adriane C. & MARTINS A. Fátima. O Cinema como mediador na Educação da Cultura Visual. **Revista Visualidades**. FAV/UFG, vl. 01, 2012.

COUTINHO, Laura Maria. **O estúdio de televisão e a educação da memória**. Brasília: Editora Ltda, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004

MARTINS, Alice Fátima. **Becos e trânsitos entre escola e cinema**. In MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Pedagogias Culturais. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

MARTINS, Alice Fátima. **Etnografia na educação**: Reflexões sobre a metodologia em pesquisa no âmbito do ensino fundamental. **Linhas Críticas**, v. 3, n. 3-4, 1997.

MARTINS, Raimundo & TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da Cultura Visual**: aprender, pesquisar, ensinar. Santa Maria: EUFSM, 2015.

MARTINS, Raimundo & TOURINHO, Irene (Org.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; MARTINS, Alice Fátima. Entre subjetividades e aparatos pedagógicos: o que nos move a aprender? **Revista Visualidades**. FAV/UFG, v. 11, 2013.

MISTER MAKER. **Programa de televisão infantil Britânico**. 2008.

PENTEADO, Heloisa Dupas. Comunicação/educação/arte: a contribuição de Mariazinha Fusari.In **Caminhos da Educomunicação**. Cadernos de Educomunicação. São Paulo. Salesiana, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.